

AS DIFICULDADES PARA IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA DO ALCÓOL

DR. LUÍS LACERDA BIAGI

Vice-Presidente da Zanini S.A.
Equipamentos Pesados e Representante da Associação Brasileira dos Fabricantes de Máquinas.

Em nome do sindicato de máquinas do Estado de São Paulo, o qual eu estou representando, quero agradecer o convite que me foi formulado e parabenizar a CESP pela iniciativa do simpósio.

A minha abordagem é meramente sobre aspectos econômicos do problema. Não entrarei em aspectos técnicos e políticos do programa nacional do álcool. Abordarei específica e genericamente o programa energético brasileiro. Não trago aos Srs. nenhum esclarecimento sobre o problema. Eu me proponho a trazer-lhes dúvidas e aumentar o número de dúvidas que os Srs. já têm. Tenho certeza de que no fim da minha exposição os Srs. terão maiores dúvidas ainda.

Com relação ao preço da gasolina, partimos daqueles 0,7 centavos em 73, para chegar aos atuais 14,30. Então, não vivemos no Brasil uma crise energética. Vivemos uma crise de combustíveis líquidos. O problema brasileiro é uma crise de combustíveis líquidos. uma falácia! Eu queria me referir às falácias que existem. A primeira com relação aos árabes. Os árabes foram sempre explorados pelos países desenvolvidos. Vendiam o seu petróleo a preço de banana. Esse petróleo que era vendido a 2 dólares o barril em 1970 passou hoje aos atuais 23,50 que, na realidade, são cerca de 40 dólares. O Brasil paga hoje aproximadamente 40 dólares o barril. Por que? Porque os 23,50, acrescidos do serviço de juros da dívida externa assumida a partir de 73, para se comprar petróleo, vamos chegar hoje a 40 dólares o barril. Na realidade, o Brasil está pagando 40 dólares.

O nosso grande problema e desafio é a substituição. Não só o problema de automóveis, já que temos uma frota pequena, na ordem hoje de seis milhões de veículos, contra, por exemplo, 135 milhões de veículos existentes nos Estados Unidos. Os Estados Unidos atualmente consomem 20 milhões de barris/dia de petróleo. Nós consumimos um milhão de barris/dia. Temos, então, esta situação em que cada vez produzimos menos, cada vez a Petrobrás produz menos petróleo; conseqüentemente, importamos mais petróleo. A Petrobrás, o espírito de corpo da Petrobrás, sempre foi favorável a importar petróleo e não desenvolver fontes alternativas, nem encontrar petróleo no país. Por que? Porque, ao importar o petróleo e refinar por 3,00, hoje 3,50 é o preço da gasolina (custo para a Petrobrás), ela, vendendo por 14,30, pode manter uma estrutura e o número de funcionários de que dispõe.

A outra dependência perigosa diz respeito ao carvão metalúrgico. Estamos vivendo uma situação de uma espécie de fla-flu. Estamos vivendo uma situação em que há um pessoal que é Proálcool, um pessoal que é Prô-Carvão. Um pessoal é proálcool de madeira, o outro é metanol, aqui na CESP o negócio é metanol. Então, existem essas tendências. Na realidade, se somarmos, podemos ver a dependência que temos do carvão metalúrgico, com uma projeção para 87 lá em torno de 10 milhões de toneladas; ao passo que a produção nacional vai estar em torno de 3 milhões de toneladas. Essa é uma dependência perigosíssima.

Temos as 2 fases brasileiras: a fase do milagre brasileiro e a fase da crise do petróleo. Os milagreiros voltaram. E é muito provável que entremos agora numa nova faixa de milagres. Em 79 o ciclo já passou. 68,73. Agora vamos entrar num novo ciclo de desenvolvimento. Como o Brasil deve 50 milhões de dólares, sem condição de pagar, então é preciso transformar uma parte desses recursos, dessa dívida externa, em capital de risco. Então, a empresa estrangeira instalada no Brasil deve hoje 14 bilhões de dólares no exterior. Como o governo vai riscar, vai limpar esses 14 bilhões da dívida externa? Ele vai transformar essa dívida externa das multinacionais em capital de risco. Evidentemente, para que haja uma contra-partida, vão ser alteradas as regras do jogo: remessas de lucros maiores, sem impostos de renda, facilidades, incentivos à instalação. Então, teremos aqui uma nova fase de desenvolvimento com grande processo de desnacionalização. Vai começar a ser vendida muita empresa brasileira. Todo dia uma empresa brasileira vai ser vendida, porque incentivos vão ser concedidos ao capital estrangeiro para se implantar aqui. Esta é a nossa situação, de gás liquefeito, até 78; como se comportou o óleo combustível, com o diesel subindo violentamente. Então, este negócio de fechar posto, é brincadeira. Fechar posto não adianta nada, é um negócio que desagrade a população, sobretudo a classe média que já está muito sobrecarregada com os aumentos salariais, a crise do aumento de preços e custo de vida, sem que se veja nenhum resultado prático. O diesel e o óleo combustível estão indo firmes para cima. Há quem diz que o álcool vai resolver. Mas o álcool não vai resolver esse problema. É importante dizer isso, porque vivemos num mundo de sonho, de ilusão de que somos o país do futuro. Vamos ficar sendo eternamente o país do futuro. Em 79 estamos importando 7 bilhões de dólares. Estamos pagando 7 bi-

lhões de dólares para importação de petróleo: metade do total das nossas exportações. Isto é realmente um grande absurdo.

No passado, na década de 30, não dependíamos do petróleo. Tínhamos uma série de fontes, inclusive as fontes renováveis eram usadas. Nós, ao invés de seguirmos o caminho, que seria normal, de acordo com a nossa capacidade, seguimos o modelo estrangeiro, porque tudo o que é estrangeiro é melhor. Com relação à aplicação do petróleo, o grande problema realmente é o diesel, o óleo combustível e gasolina. Então, vem alguém e pergunta: O álcool substitui o diesel? Isso é tudo bobagem. Por que? Para substituir a gasolina, nem no ano 2000. Nem no ano 2000. Vamos substituir a gasolina. A meta do governo é produzir 10,7 bilhões de litros de álcool em 1985. Nessa época estaremos consumindo 25 bilhões de litros de gasolina. São de gasolina. Quer dizer, vamos estar com duas vezes e meia o consumo de gasolina com relação à produção de álcool em 85. Então, no ano 2000, ninguém que está aqui presente nesta sala vai ver o Brasil independente energeticamente. Ninguém vai viver para ver isso. E com relação ao álcool, o máximo que podemos conseguir é substituir a gasolina. O máximo. Isso daqui a 30 anos, se o governo não titubear como tem titubeado na definição dos programas.

Agora, se nós somarmos todos os programas que estão sendo discutidos - hoje está havendo 42 simpósios no Brasil. Então, nós estamos todos em simpósio. Estamos discutindo. Os ministros estão participando de simpósios; estão dizendo o que vai ser feito e não foi decidido ainda. Então, o negócio tende a piorar, tende a se agravar.

Nós estamos vendo o seguinte: em 73 tínhamos relativo equilíbrio. De lá para cá veio esta situação. Em 74, 75 e 76 foi a fase pior, quando tomamos emprestado, a nossa dívida passou dos 10 para os 50, no período de 73, com este equilíbrio 77-78: safras agrícolas. Em 79-80-81 vamos ter essa mesma situação de 74 para 76. Então, se somarmos essa crise econômica à abertura política, vocês podem imaginar o que vai acontecer.

Com relação a uma outra falácia, dizem que o petróleo vai acabar. Um negócio que nunca entendi. Nunca consegui compreender. Olhando e analisando, cheguei talvez a essa conclusão de que talvez

a demanda de petróleo, nos anos em torno de 1990, exceda à capacidade de extração do solo, de produção. Isso é compreensível, e com consequente alteração nos preços. Que o petróleo vai acabar, ninguém pode dizer, porque até o Maluf está procurando. Quer dizer, se estamos procurando, como é que sabemos se vai acabar? Se não sabemos onde está o petróleo, como é que podemos afirmar que vai acabar? Então, nunca entendi esse negócio.

A Petrobrás fez uma pesquisa e descobriu que andam falando mal dela. Só uma campanha. Então, ela precisou fazer uma pesquisa para constatar um negócio que todo mundo está falando na rua. Foi gasto mais de um ano nessa pesquisa. Agora, a Petrobrás resolveu fazer uma campanha de conscientização da opinião pública para melhorar essa imagem. Muito bem. Ela foi suspensa. Não vai mais se ver nenhum anúncio desses, porque começou a chamar atenção, aquilo passou, ao invés de melhorar, começou a piorar a imagem da empresa, segundo outra pesquisa posterior.

Com relação à utilização de etanol, temos a seguinte situação: o álcool pode servir como combustível; ele serve para esse monte de coisa que está aí. Inclusive para a produção de etileno. A Rhodia já produz etileno de álcool faz 20 anos. Acontece que não há álcool. O pessoal pergunta se álcool dá para fazer isso, dá para fazer aquilo. Não adianta estudar o assunto. Não há álcool nem como combustível. Imaginem nós ficarmos perdendo tempo, discutindo sobre o álcool, como é que se substituem os derivados, como é que se substitui a nafta, como é que se substitui o GLP, assim por diante. Não adianta discutir isso. Só de diesel e óleo combustível o nosso consumo este ano é de 33 bilhões de litros. De diesel e de gasolina. E nós estamos produzindo 3,8 bilhões de litros de álcool. Não por causa do Proálcool. Porque houve uma crise no mercado da exportação de açúcar, e as usinas passaram a fazer álcool. Só por causa disso. Coincidência.

Com relação às empresas estrangeiras, eu queria comentar o seguinte: um dos países menos prejudicados com essa expansão do petróleo são os Estados Unidos. Porque, dos 20 milhões de barris/dia eles produzem 12, produzem 12 internamente. E eles atuam no mercado mundial. Então, o que acontece? Eles tiveram lucro superior em 79, lucro que é o dobro das exportações totais do Brasil. O lucro o

operacional das 7 irmãs. Então uma parte do dinheiro está ficando aí, não está lá nos países árabes.

Nos países árabes o que acontece? Nos países árabes entrou esse dinheiro. Por exemplo, na Arábia Saudita entraram 37 bilhões de dólares em 77, e este ano vai estar em torno de 60 bilhões de dólares. 60 bilhões de dólares! 5 vezes as exportações brasileiras! É o que entra de dinheiro na Arábia Saudita. Então, que acontece com esse dinheiro? O dinheiro é um só. Os Estados Unidos, por exemplo, pagam esse petróleo em dólar; a grande diferença é essa: o dinheiro deles é dólar. Eles transferem para uma agência do City Bank, Chase Manhattan, lá na Arábia Saudita. Os árabes reaplicam na agência; lá também existe open market; reaplicam uma parte. 30%, 40% voltam para a economia americana como compra de bens e serviços. Inclusive eles são acionistas da IBM. E 30% eles compram no resto do mundo. Então, 70% volta para os Estados Unidos. E sem precisar ainda fazer cambio de moeda. Muito bem. Esses países - outra falácia - dizem que o preço do petróleo vai aumentar, que vai para as nuvens. Conversa! O próprio lamani, da Arábia Saudita, vive lutando para não aumentar o preço. Porque se eles aumentarem o preço, não existe recurso no mundo para comprar e eles vão ficar com o petróleo. Então, esse é um negócio em que eu não acredito de maneira alguma.

No Brasil fala-se muito. Estou mencionando as falácias, as coisas que afirmam: "que absurdo, vão produzir álcool aqui em São Paulo, vão levar álcool lá para cima, vão produzir lá; absurdo, como é que fica esse negócio, não é? O transporte, o custo disso?" Nós nos acostumamos com a estrutura do petróleo. O petróleo precisa um petroleiro, custa 200-300 milhões de dólares, para ir buscar lá no Iraque, na Arábia Saudita. Ele vem para cá, é refinado no litoral, pois todas as refinarias ficam em torno do litoral. Daí é mandado para o país todo. Quer dizer, sai da Arábia Saudita, vem, entra numa enorme refinaria, central de utilidades, investimentos altíssimos, e vai para o mundo inteiro. Agora, em relação ao álcool, acha-se ruim porque vai ser produzido no Ceará levado até o Rio Grande do Norte. Então, é realmente também uma questão de concepção. Tudo é consumido; 80% de tudo são consumidos aqui. Então, esse negócio de descentralização, melhor distribuição de renda, essa conversa toda que se fala, não vai acontecer. Vai concentrar mais aqui; mais nas áreas desenvolvidas. Esta é a tendência.

Com relação ao petróleo, temos essa situação. Em 79, estamos passando dos 60 bilhões. Então, consumimos 60 bilhões de litros de petróleo bruto por ano no Brasil, entre usos não energéticos e energéticos. Desses 60 bilhões, produzimos 5% de álcool. Este é o grande desafio, um desafio muito difícil. Porque, muito bem, aqui dá álcool, dá de tudo, estamos ricos em carbono. Em 1931, o Instituto de Engenharia no Rio se reuniu, e deu recomendações: procurar petróleo na Bacia de Campos, desenvolver tecnologia do carvão nacional. Então, esta conversa já é de 1931; e nada disso aconteceu. Temos que somar as prioridades do governo, somar o plano do carvão, proposta de extração de carvão, o Proálcool, porque nós ainda não sabemos se há ou não petróleo. Então, vamos investindo no programa, fazendo plataforma. Nós mesmos, na empresa, estamos fazendo plataforma, para ver se temos petróleo. Ora, tudo isso somado, programa nuclear, novas hidroelétricas, dá quatrocentos e dez bilhões de dólares. Então, isso tudo que está se falando não vai acontecer. A projeção de produção de etanol é, no ritmo em que vamos, 5,1 bilhões de litros em 85. Os empresários propuseram ao governo 20,5 bilhões de litros, e o governo, naquele nosso sistema, rachou: 10,7.

Temos agora a seguinte situação: a nossa demanda de petróleo em milhões de barris/dia: um milhão e 400 é a nossa demanda prevista até 85. A primeira hipótese é nenhuma descoberta de 78 a 83. Não há descoberta de petróleo. A hipótese 2 e 3 é aumento das reservas com base no balanço energético nacional. Então, qual é a melhor hipótese? É nós sairmos desta produção e chegarmos a quase triplicar em 5 anos aquilo que não fizemos em 26 anos de existência da Petrobrás. Vamos dizer que essa hipótese seja verdadeira, que ela aconteça. Vejam a diferença que existe entre a projeção de consumo. Então, aqui entra o álcool. Realmente, deve haver uma definição clara, com os pés no chão, sem megalomania que caracteriza os grandes planos de governo, sem a compra de pacotes fechados, de caixas pretas, que estão por aí, como nuvens ameaçando a economia brasileira.

Perdendo a autonomia de decisão, porque quem deve tem que escutar o que gosta e o que não gosta do seu credor e aceitar orientação. Eu vejo, então, nossa situação muito difícil. Realmente acredito que teremos pela frente anos muito difíceis. Evidentemente, se temos que adotar uma política de conservar o Brasil para os brasileiros. Porque existe a opção, que é essa em curso, de tornar o Bra

sil uma espécie de Canadá. O Canadá é um país desenvolvido; lá há de tudo, é uma beleza, a moeda que circula é dólar, com cara da rainha da Inglaterra. Então, podemos vir a ser uma espécie de Canadá. É o mais provável que vá acontecer no Brasil.

Deram-me meia hora para falar, mas eu paro por aqui, porque prefiro responder as perguntas. Agradeço a atenção dos senhores. Como eu disse, trouxe mais dúvidas do que solução.